

Placas de pedra (Ex 24,12)

Stone tablets (Ex 24:12)

Matthias Grenzer*

Fabiola Weber**

Resumo

Com suas trinta e uma presenças no livro do Êxodo e no do Deuteronômio, as chamadas “placas de pedra” ganham representatividade no projeto do êxodo, experiência fundamental e referencial para a religião do antigo Israel. Por isso, vale a pena descobrir, de forma mais exata, as conotações simbólicas que esse objeto tem. Nesse sentido, o estudo aqui apresentado investe numa análise exegética da primeira menção das “placas de pedra” em Ex 24,12. Percebe-se, pois, que tal versículo, como texto poeticamente composto, já insiste em três simbolismos do objeto. O ouvinte-leitor é convidado a contemplar a materialidade das “placas”, a presença da escrita e, especificamente, uma dupla caracterização do conteúdo da inscrição como ‘instrução’ e ‘mandamento’.

Palavras-chave: Placas de pedra, símbolos religiosos, escrita, instrução, mandamento

Abstract

Mentioned thirty and one times in the books of Exodus and Deuteronomy, the so called “stone tablets” gain representativeness with regard to the project of the exodus, fundamental, and hence, referential experience for the religion of ancient Israel. Therefore, it is worth to discover, with more accuracy, the symbolic connotations that this object possesses. In this regard, this study invests in an exegetical analysis of Ex 24:12, verse that mentions the “stone tablets” for the first time. And it will be possible to perceive that already in this text, written in a poetical form, there is an emphasis in three symbolic characteristics of the studied object. The listener-reader is actually invited to contemplate the materiality of the “tablets”, the presence of writing and, specifically, the double characterization of the inscriptions' contents as ‘instruction’ and ‘commandment’.

Keywords: Stone tablets, religious symbols, writing, instruction, commandment

* Matthias Grenzer é pós-doutor em Teologia pela PUC-RJ, doutor em Teologia pela Faculdade de Filosofia e Teologia St. Georgen em Frankfurt, Alemanha, e mestre em História pela PUC-SP. É professor na Faculdade de Teologia da PUC-SP e líder do Grupo de Pesquisa TIAT. Contato: <mgrenzer@pucsp.br>.

** Fabiola Weber é mestranda no Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia da PUC-SP e membra do Grupo de Pesquisa TIAT. Contato: <fwfabiolaweber@gmail.com>.

Introdução

A narrativa do êxodo, contada nos últimos quatro livros do Pentateuco, inclui o ideal de que o povo dos libertados da escravidão no Egito se transforme em uma sociedade juridicamente organizada.¹ De forma central, tal processo ocupa, literariamente, as tradições ligadas à travessia do deserto (Ex 15,22–Nm 21,20), segunda etapa do projeto do êxodo. A primeira etapa se caracteriza pelo esforço de o povo sair, fisicamente, da sociedade opressiva (Ex 13,17–15,21), e a terceira etapa é formada pela chegada à terra prometida, com a instalação do povo em meio às nações já existentes na região (Nm 21,21–Dt 34,4/Js 1–12).² Contudo, segundo a narrativa do êxodo, o povo eleito, com sua tarefa de construir uma sociedade alternativa em terras novas, recebe, ainda no caminho, um conjunto amplo de leis. Em princípio, trata-se da tentativa de transformar a experiência histórica de libertação em um projeto jurídico. Tendo descoberto Deus como libertador, as narrativas apresentam também as leis como mandamentos de Deus. Moisés, como intermediário, apenas assume a tarefa de transmitir tal dádiva e compromisso ao povo.

Junto à macronarrativa do êxodo, surge, por sua vez, um símbolo religioso, que representa de forma material os mandamentos de Deus. São as chamadas *placas, tábuas, lápides* ou *tabuletas de pedra, da aliança* ou *do testemunho*. A primeira presença delas se verifica em Ex 24,12, objeto de investigação deste estudo. Ao total, a macronarrativa do êxodo, formada, sobretudo, por narrativas e conjuntos de leis, menciona as *placas, tábuas* ou *tabuletas* em questão – ver o substantivo masculino תַּבּוּלֹת no singular e תַּבּוּלוֹת no plural – trinta e uma vezes (Ex 24,12; 31,18^{2x}; 32,15^{2x}.16^{2x}.19; 34,1^{3x}.4^{2x}.28.29; Dt 4,13; 5,22; 9,9^{2x}.10.11^{2x}.15.17; 10,1.2^{2x}.3^{2x}.4.5). O mesmo termo é usado em outras duas ocasiões, mas para indicar as “placas” usadas para a construção do altar dos holocaustos (Ex 27,8; 38,7). Fora do Pentateuco, há outras dez ocorrências do termo (1Rs 7,36; 8,9; Is 30,8; Jr 17,1; Ez 27,5; Hab 2,2; Pr 3,3; 7,3; Ct 8,9; 2Cr 5,10). Somente em 1Rs 8,9 e 2Cr 5,10 se fala diretamente das “duas tábuas” aqui investigadas.

Todavia, entre os objetos que visualizam simbolicamente o projeto do êxodo e, com isso, assumem a tarefa de resumir aquilo que deu origem à religião do antigo Israel, sendo que dela nascem o judaísmo e o cristianismo, as *placas, tábuas, lápides* ou *tabuletas de pedra, da aliança* ou *do testemunho* assumem certa centralidade. Também a *arca, a tenda de encontro* e, posteriormente, o *templo* de Jerusalém nascem em torno delas. E, até hoje, surgem réplicas ou representações artísticas delas nos mais diversos espaços religiosos e culturais. Portanto, é importante descobrir o que tais *placas* mais exatamente representam, uma vez que “a diversidade conceitual e factual nas tradições referentes às tábuas levou a teorias muito diferentes em relação à origem e ao significado delas”.³ Diante dos paralelismos múltiplos

¹ Para um conhecimento introdutório ao Pentateuco, ver Felix GARCÍA LÓPEZ. O Pentateuco. Introdução à leitura dos cinco primeiros livros da Bíblia. São Paulo: Ave-Maria, 2004; Eckart OTTO. A lei de Moisés. São Paulo: Loyola, 2011; Jean-Louis SKA. Introdução à leitura do Pentateuco. Chaves para a interpretação dos cinco primeiros livros da Bíblia. São Paulo: Loyola, 2003; Jean-Louis SKA. O canteiro do Pentateuco. Problemas de composição e de interpretação. Aspectos Literários e teológicos. São Paulo: Paulinas, 2015; Jean Louis SKA, O Antigo Testamento. Explicado aos que conhecem pouco ou nada a respeito dele. São Paulo: Paulus, 2015, p. 31-65.

² Ver a introdução em Leonardo Agostini FERNANDES; Matthias GRENZER. Êxodo 15,22–18,27. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 5-8.

³ Christoph DOHMEN. Exodus 19–40. Freiburg: Herder, 2004, p. 2011. Ver também Christoph DOHMEN. Was stand auf den Tafeln vom Sinai und was auf denen vom Horeb? Zur Geschichte und Theologie eines Offenbarungsrequisits. In: Frank-Lothar HOSSFELD. Vom Sinai zum Horeb. Stationen alttestamentlicher Glaubensgeschichte. Festschrift Erich Zenger. Würzburg: Echter, 1989, p. 9-50.

apresentados no parágrafo anterior, será exposta a seguir a reflexão teológica veiculada por Ex 24,12.

Texto e configuração literária

Em primeiro lugar, será apresentado, de forma segmentada, o texto hebraico e sua tradução para o português, sendo que esta última procura ser o mais literal possível. Como não existe nenhum acordo em relação à subdivisão dos versículos em meios-versículos e/ou hemistíquios, será seguida nesta pesquisa a contagem aqui estabelecida. Prevalece, sobretudo, o critério de os verbos indicarem a sequência dos elementos que configuram as frases.

וַיֹּאמֶר יְהוָה אֶל־מֹשֶׁה	12a	E o SENHOR disse a Moisés
עֲלֵה אֵלַי הַהָרָה	12b	“Sobe a mim, ao monte,
וְהָיִיתָ שָׁם	12c	e permanece ali!
וְאָתַנָּה לְךָ אֶת־לַחַת הָאֲבָנִים	12d	Vou te dar, pois, as placas de pedra,
וְהַתּוֹרָה וְהַמִּצְוָה	12e	tanto a instrução como o mandamento,
אֲשֶׁר כָּתַבְתִּי לְהוֹרֹתָם:	12f	que escrevi para os instruíres”.

Quanto aos antigos manuscritos hebraicos e às antigas traduções, a edição crítica da *Biblia Hebraica Stuttgartensia* somente anota uma variante nas notas de rodapé.⁴ Ela indica que o Pentateuco Samaritano e a Septuaginta não atestam, no v. 12e, a presença da conjunção na expressão “e a instrução” (וְהַתּוֹרָה). A omissão parece querer facilitar a compreensão do meio-versículo. No entanto, as duas conjunções no v. 12e podem ser bem compreendidas da seguinte forma: “tanto a instrução como o mandamento”. Seria uma justaposição de dois elementos.⁵

O versículo aqui investigado pertence a uma narrativa. Nela se conta a conclusão da aliança no monte Sinai (Ex 24). No v. 12a, é introduzido um discurso direto. Ouve-se ou lê-se o que o narrador diz. Ou seja, o v. 12a é narração. A partir do v. 12b, por sua vez, tem-se um discurso direto. O narrador empresta, a partir de agora, sua voz ao “SENHOR” (v. 12a), sendo que a fala do Deus de Israel se estende até o v. 12f. Por ser um discurso direto da personagem principal da história sobre o êxodo, as palavras merecem a maior atenção possível.⁶

⁴ BIBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA (Eds.: Karl Elliger; Wilhelm Rudolph). Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

⁵ Em relação a esse tipo de uso da conjunção, ver Bruce K. WALTKE; Michael P. O’CONNOR, Introdução à sintaxe do hebraico bíblico. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 519-542.

⁶ Para os termos *narrativa*, *narração* e *discurso direto*, ver Daniel MARGUERAT; Yvan BOURQUIN. Para ler as narrativas bíblicas. São Paulo: Loyola, 2009, p.13-41.

É comum que discursos diretos apresentem perguntas ou ordens. Uma pergunta, pois, cria a expectativa por uma resposta. Uma ordem, por sua vez, faz com que se espere por seu cumprimento. Assim, perguntas e ordens fazem uma narrativa avançar. O discurso direto atribuído ao Senhor no v. 12b-f começa justamente com três formas imperativas. No início, surgem dois imperativos, sendo que o Senhor dá duas ordens diretas a Moisés: “Sobe a mim, ao monte!” (v. 12b) e “e permanece ali!” (v. 12c). Em seguida, tem-se um verbo na forma do coortativo: “Vou te dar, pois, as placas de pedra!” (v. 12d). Quer dizer, o Senhor dá uma ordem a si mesmo, como se ele estivesse exigindo algo de si mesmo.⁷ Seguem-se ainda um complemento em forma de aposição – “tanto a instrução como o mandamento” (v. 12e) – e uma frase subordinada iniciada por um pronome relativo, sendo que este se refere aos elementos introduzidos pela aposição: “que” ou “os quais escrevi para os instruíres” (v. 12f).

Quanto às “placas de pedra” (v. 12d), objeto de pesquisa deste artigo, o discurso direto do Senhor (v. 12b-f) já contém alguns elementos que ganham destaque a partir de sua configuração linguístico-literária. Observa-se, primeiramente, que as três expressões referentes às “placas de pedra” (v. 12d), à “instrução” (v. 12e) e ao “mandamento” (v. 12e) se encontram definidas. Na primeira expressão, há uma construção formada por dois substantivos, sendo que o artigo definido acrescentado ao segundo substantivo define toda a expressão. Quer dizer, não se ouve ou lê de quaisquer “placas de pedra”, mas se entende que aqui são focadas “placas de pedra” bem específicas. Além disso, o discurso direto atribuído ao Senhor não foca uma ou qualquer “instrução”, respectivamente um ou qualquer “mandamento” (v. 12e), mas visa a uma “instrução” e a um “mandamento” bem definidos, sendo que ambos os substantivos trazem consigo o artigo definido.

Além disso, um paralelismo contribui para que o discurso do Senhor referente às placas de pedra ganhe maior destaque. Primeiramente, aparece o substantivo aqui traduzido como “a instrução” (ver *ההורָה* no v. 12e). Mais tarde, as formulações trabalham ainda com a raiz verbal *ירה*, a qual dá origem ao substantivo antes mencionado. Ou seja, ouve-se ou lê-se no v. 12f a expressão “para os instruíres” (*להורָתם*). Trata-se de um infinitivo no grau do Hifil, sendo que este é introduzido pela preposição “para” (*לְ*) e recebe o sufixo pronominal de terceira pessoa plural masculino. Enfim, por intermédio da configuração linguístico-literária dada ao discurso aqui investigado, o ouvinte-leitor é duas vezes confrontado com a ideia de que existe uma determinada *instrução* – ou seja, a *Torá* –, com a qual Moisés deve *instruir* o povo.

Também chama a atenção o fato de que o discurso atribuído ao Senhor (v. 12b-f) trabalha, em três momentos, com a primeira pessoa do singular. Logo no início, o Senhor ordena a Moisés: “Sobe a mim!” (v. 12b). A preposição aqui traduzida como “a” (*אֶל*) é seguida pelo sufixo pronominal da primeira pessoa do singular para ganhar o sentido de “a mim” (*אֵלַי*). No centro do discurso, aparece um verbo finito na primeira pessoa do singular. Trata-se da raiz verbal “dar” (*נתַן*) na ação verbal do imperfeito, sendo que a forma recebe o acréscimo do he-coortativo: “Vou te dar” (v. 12d). No final do discurso direto atribuído ao Senhor, presencia-se ainda outro verbo na primeira pessoa do singular. Agora observa-se a raiz verbal “escrever” (*כתַב*) na ação verbal do perfeito: “escrevi” (v. 12f). Enfim, o Senhor (v. 12b-f), ao dirigir-se a Moisés, usa marcantemente – no início, no centro e no final – a primeira pessoa do singular. Destaca-se, dessa forma, uma participação insistente do Senhor no encontro com Moisés (v. 12b), na entrega das placas de pedra (v. 12d) e no que nelas está inscrito (v. 12e).

⁷ Para a compreensão da forma verbal do *coortativo*, ver Bruce K. WALTKE; Michael P. O’CONNOR. Introdução à sintaxe do hebraico bíblico. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 573-579.

Materialidade das placas

É comum que as Bíblias em língua portuguesa insistam na expressão “tábuas de pedra” (v. 12d: לַחֹת הָאֲבָן) ao traduzirem o versículo aqui estudado.⁸ Como, porém, a palavra “tábua” se refere, em português, sobretudo a um serrado de madeira, talvez possa ser interessante procurar uma alternativa ao traduzir Ex 24,12d, por mais que o termo “tábuas de pedra” se tenha tornado consagrado. Cabe também lembrar que, no hebraico bíblico, existe ainda outro termo comumente compreendido como ‘tábua’ (ver as cinquenta e uma presenças da palavra קֶרֶשׁ). No estudo aqui apresentado, propõe-se ‘placas de pedra’.

É possível que a palavra hebraica em questão indique uma *tábua* feita de madeira, como, por exemplo, a “tábua de cedro” (לִיחַ אֶרֶז) em Ct 8,9 ou, segundo Ez 27,5, “as duplas de tábuas de cedro” (לַחֹתִים אֶרֶז). Verificando, por sua vez, as quarenta e três presenças do termo *placa* (לִיחַ) ou *placas* (לַחֹת) na Bíblia Hebraica, observa-se que, em catorze momentos, destaca-se, de forma expressa, a ‘pedra’ como dimensão material do objeto em questão. Observando a presença ou ausência do artigo definido, os três números do singular, dual ou plural e as escritas plena e curta, ocorrem as seguintes variações:

- “as placas de pedra” (לַחֹת הָאֲבָן) em Ex 24,12,
- “placas de pedra” (לַחֹת אֲבָן) em Ex 31,18,
- “placas de pedras” (לַחֹת אֲבָנִים) em Ex 34,1.4^{2x}; Dt 4,13; 5,22,
- “as placas de pedras” com *mater lectionis* (לַיחֹת הָאֲבָנִים) em Dt 9,9.10; 10,1,
- “as placas de pedras” sem *mater lectionis* (לַחֹת הָאֲבָנִים) em Dt 9,11; 10,3,
- “as placas de pedras” com *mater lectionis* em outro lugar (לַיחֹת הָאֲבָנִים) em 1Rs 8,9.

A materialidade da pedra também parece ser pressuposta quando as tradições do Pentateuco imaginam a construção do altar de sacrifícios com “placas” (Ex 27,8; 38,7). Se fossem, pois, tábuas de madeira, estas queimariam ao se acender o sacrifício sobre o altar. Placas de pedra, por sua vez, são resistentes ao fogo. Da mesma forma, pressupõe-se que as “placas arrojadas e quebradas” por Moisés (Ex 32,19; Dt 9,17; 10,2) fossem de pedra, uma vez que é difícil imaginar que tábuas de madeira quebrem ao serem lançadas no chão. Aliás, na região do maciço central do Sinai, lugar em que Moisés, segundo a tradição bíblica, recebe as leis, pedra não falta, enquanto madeira é bem mais rara.

Além disso, resta saber se a materialidade das “placas de pedra” (לַחֹת הָאֲבָן) de Ex 24,12d tem conotações simbólico-religiosas mais amplas. É preciso, para isso, visitar as tradições do Pentateuco, sendo que nelas se observam oitenta e sete presenças do termo.

A pedra ganha, primeiramente, algum valor simbólico a partir de sua presença na vida cotidiana de Israel. Ora ela serve para “cobrir um poço” (Gn 29,2.3^{2x}.8.10), ora se torna um travesseiro (Gn 28,11) ou simples apoio para os braços (Ex 17,12). Pedras também são usadas como “peso” para a balança (Lv 19,36; Dt 25,13^{2x}), sendo que o uso correto delas nesse momento indica a “integridade” e a “justiça” da pessoa (Dt 25,13^{2x}.15), quando esta última não as usa de tamanhos diferentes na pesagem. O peso do objeto em questão também ganha relevância na imagem que apresenta os egípcios como quem “desceu às profundezas” da água do mar dos Juncos “como uma pedra” (Ex 15,5). No mais, pedras servem para construir

⁸ BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2008; BÍBLIA SAGRADA. Tradução da CNBB. Brasília: Edições CNBB, 2008; A BÍBLIA SAGRADA. Versão Revista e Atualizada (João Ferreira de Almeida). Barueri: Sociedade Bíblica, 1993; BÍBLIA DO PEREGRINO (Luís Alonso Schökel). São Paulo: Paulus, 2002; A BÍBLIA. Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola, 1994. Ver, porém, como Ludovico Garmus traduz “placas de pedra” (Ex 24,12) em: BÍBLIA SAGRADA. Petrópolis: Vozes, 4^a2001.

paredes e, com isso, casas (Lv 14,40.42^{2x}.43.45). Também se tira o ferro da pedra (Dt 8,9). Até água parece existir nela (Ex 7,19). E ainda é preciso lembrar a pedra como arma, seja para aplicar a pena do “apedrejamento” (Lv 20,2.27; 24,23; Nm 15,35.36; Dt 13,11; 17,5; 21,21; 22,21.24), seja para “matar” uma pessoa como ato criminoso ou acidente involuntário (Ex 21,18; Nm 35,17.23). Enfim, o valor da pedra como matéria-prima e instrumento útil ao homem aparece em diversos sentidos nas tradições do Pentateuco. A resistência e a durabilidade da pedra natural são inegáveis, sendo que o “tijolo”, feito pelo homem – ver os construtores da torre de Babel (Gn 11,3) e das cidades-armazéns de Pitom e Ramsés (Ex 1,14; 5,7-8.14.16.18-19) –, não tem como competir com ela, que é de Deus. Contemplando tais sentidos, a lei inscrita em pedra provoca a impressão de que se trate de “um documento indelével e eterno”, capaz de trazer à mente, para sempre, o direito e, com isso, a justiça.⁹

A partir de sua presença no dia a dia, a pedra ganha ainda outra importância na vida de Israel, justamente como material que, transformado em objeto religioso, assume presença no culto. Nesse sentido, o patriarca Jacó já “erige uma pedra” em forma de “coluna” (Gn 28,18.22; 31,45; 35,14), “derramando azeite sobre ela” (Gn 28,18; 35,14), com a possibilidade de tornar-se “casa de Deus” (Gn 28,22), “testemunho” e “aliança” (Gn 31,44). Aliás, o “valente de Jacó” é pensado como “pedra de Israel” (Gn 49,24). Mais tarde, os israelitas irão construir “altares de pedras brutas”, ou “não lavradas”, para o Senhor, Deus de Israel (Ex 20,25; Dt 27,2-6). Além disso, duas “pedras de ônix” sobre as “ombreiras” e doze “pedras engastadas” no “peitoral” acompanham Aarão e seus filhos quando, no santuário da tenda de encontro, exercem o sacerdócio para o Senhor (Ex 25,7^{2x}; 28,9.10^{2x}.11^{2x}.12^{2x}.17^{2x}.21; 35,9^{2x}.27^{2x}.33; 39,6.7.10.14). Justamente porque nessas pedras se encontram gravados ou inscritos os nomes dos filhos de Israel, são “pedras de memória” (Ex 28,12; 39,7). Assim, o sacerdote, com as pedras, traz o povo perante o Senhor, cultivando-se a memória da relação entre Deus e os filhos de Israel. Em momento algum, por sua vez, Israel deve transformar a pedra em pedra figurada e, com isso, em imagem de Deus (Lv 26,1), como os demais povos conheciam “deuses que são de pedra” (Dt 4,28; 28,36.64; 29,16).

Junto à sua presença específica no culto religioso, as pedras se destacam ainda mais por poderem receber uma escrita. Embora pedras, em princípio, não falem e, por isso, se tornem imagem para quem “emudece” (Ex 15,16), ao receberem uma inscrição, transmitem palavras decisivas e até se tornam “pedras gritantes” (Lc 19,40).

Instrução e mandamento

As “placas de pedra” mencionadas em Ex 24,12 guardam especificidades, sendo que diversos elementos do discurso divino aqui investigado realçam o sentido e a representatividade delas. No caso, as “placas de pedra” (v. 12d) são, primeiramente, identificadas com “a instrução” e “o mandamento” (v. 12e). Cabe esclarecer aqui, portanto, as cargas semânticas desses dois substantivos (v. 12e). Afinal, trata-se de termos marcantes e amplamente presentes na Bíblia Hebraica, algo que ilustra a importância e a centralidade deles na cultura religiosa do antigo Israel.

A primeira das duas expressões programáticas, o substantivo hebraico “Torá” (v.12e: תּוֹרָה), é bem traduzido como “instrução”. Também poderia ser “ensino”, sendo que a raiz verbal originária da expressão deve ser compreendida como “instruir” ou “ensinar” (v. 12f: יָרָה). Além disso, observa-se ainda um segundo substantivo provindo da mesma raiz verbal, o qual

⁹ Pablo R. ANDIÑACH. O livro do Êxodo. Um comentário exegético-teológico. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2010, p. 322.

é bem compreendido como “mestre”, no sentido de “instrutor” ou “quem ensina” (מורה). Eis os números das presenças de cada termo em toda a Bíblia Hebraica: a raiz verbal “instruir” (ירה III) aparece quarenta e cinco vezes; o substantivo “instrução” (תורה) guarda duzentos e vinte e uma presenças; o substantivo “mestre” (מורה) é mencionado apenas cinco vezes.

A segunda das duas expressões programáticas – o substantivo “mandamento” ou “ordem” (מצוה) – aparece cento e oitenta e uma vezes na Bíblia Hebraica, sendo que a raiz verbal “mandar” ou “ordenar” apresenta quatrocentos e oitenta e cinco presenças.

Ambos os termos, “instrução” (תורה) e “mandamento” (מצוה), fazem parte de um campo semântico que ainda conta com outras expressões paralelas. Vale lembrar, por excelência, os conceitos comumente traduzidos como “julgamento” (משפט) e “prescrição” (חק). Entretanto, essas últimas duas expressões ganham maior visibilidade como plurais – “julgamentos” e “prescrições” –, servindo, dessa forma, como termos técnicos para as leis que o Pentateuco, em forma de diversos conjuntos, apresenta a seus ouvintes-leitores. Embora cada conceito tenha suas conotações específicas, no sentido de leis se tornarem ‘instruções’, ‘mandamentos’, ‘julgamentos’ exemplares – ver as leis casuísticas – e ‘prescrições’, as quatro expressões aqui mencionadas, juntamente, insistem na importância das normas jurídicas e, com isso, do direito, sendo que este é parte integrante e/ou instrumento principal do que o projeto religioso do antigo Israel prevê em vista da construção autêntica de uma sociedade alternativa, sendo esta resultado da experiência histórica do êxodo, que permitiu que o Senhor, Deus de Israel, fosse experimentado como quem libertara seu povo dos oprimidos da escravidão no Egito.

Voltando, por sua vez, ao texto aqui analisado, percebe-se que Ex 24,12 trabalha com os substantivos “instrução” (תורה) e “mandamento” ou “ordem” (מצוה). Qual é, no entanto, mais exatamente o sentido de cada uma dessas duas expressões? Contemplando, primeiramente, o termo “instrução”, visando às presenças dessa expressão no livro do Êxodo, observa-se primeiramente que é o Senhor quem ‘instrui’. Ou seja, medita-se sobre o Deus de Israel como “instrutor” (Ex 4,12.15; 15,25; 24,12f; ver também Jó 36,22), por mais que seja possível falar também sobre o homem como “instrutor” (Ex 35,34). No entanto, também nesse caso, guarda-se o pressuposto de que é Deus quem “oferece ao coração” do homem a habilidade de “instruir” os outros (Ex 35,34), justamente por equipar tal pessoa com o “espírito de Deus” (Ex 35,31). Quer dizer, por mais que o homem instrua, ele o faz como instrutor anteriormente instruído por Deus. Mais ainda, a “instrução (תורה) do SENHOR deve estar sempre na boca” da pessoa (Ex 13,9), o que vale igualmente “para o nativo e para o imigrante” (Ex 12,49). Para isso, por sua vez, no que se refere ao povo, Moisés, “para instruí-los” (v. 12f), precisa “julgar os casos e fazer conhecer as prescrições de Deus e a instrução dele” (Ex 18,16), no sentido de “ensinar as prescrições e as instruções”, ou seja, de “fazer saber o caminho em que se deve andar e a obra que se deve fazer” (Ex 18,20). Mesmo assim, as tradições do Êxodo estão conscientes de que esse processo é exigente. Assim, o próprio Senhor Deus é apresentado como quem se propõe a “pôr o povo à prova, para ver se anda de acordo com a instrução dele ou não” (Ex 16,4) e como quem fica decepcionado com seu povo, perguntando-o: “Até quando recusareis guardar meus mandamentos e minha instrução?” (Ex 16,28).

Justamente como nesta última citação do livro do Êxodo, o texto aqui investigado destaca no v. 12e, junto ao conceito de ‘instrução’ (תורה), um segundo termo programático, igualmente formado por um substantivo hebraico singular feminino: “mandamento” ou “ordem” (מצוה). Surge assim um paralelismo semântico das duas expressões em jogo, o qual é reforçado por uma assonância, sendo que esta é percebida ao se ler ou ouvir em voz alta o texto em hebraico. A raiz verbal por detrás desse substantivo ‘mandamento’, cinquenta e quatro vezes

presente no livro do Êxodo, guarda os significados básicos de ‘mandar’ e ‘ordenar’ (צוה). Enfim, “os mandamentos” do Senhor Deus precisam ser “escutados”, a fim de “fazer-se o que é reto aos olhos dele” (Ex 15,26). Ou seja, “amar” a Deus e “guardar os mandamentos” dele são atitudes correspondentes. De certo, somente dentro do contexto do conjunto das tradições que o Pentateuco transmite, formado por narrativas e conjuntos de leis, se percebe que “a instrução e o mandamento” (v. 12e) ali definidos apenas se propõem a favorecer a sobrevivência digna de todos os membros do povo, garantindo convivências mais felizes e um futuro mais abençoado. Ou seja, justamente em vista desse destino tão almejado, a religião do antigo Israel insiste na importância de que Deus ‘manda’ e ‘ordena’ algo.

Escrita

No final do discurso divino aqui estudado, ocorre outra identificação significativa das “placas de pedra” (v. 12d), sendo que o Senhor, Deus de Israel, ao se dirigir a Moisés, insiste na seguinte afirmação a respeito do objeto em questão e/ou da “instrução” e do “mandamento” (v. 12e) nele inscritos: “que escrevi para os instruíres (אֲשֶׁר כָּתַבְתִּי לְהוֹרְתֶם)” (v. 12f). Embora as origens da escrita se encontrem nas *pedras de contagem* – em inglês, *tokens* – encontradas na Mesopotâmia desde 8000 a.C., a escrita foi desenvolvida a partir de 3200 a.C., tanto em *Uruk*, na baixa Mesopotâmia, como no Egito – ver o túmulo do nobre *U-j* de *Um el-Qaab*, que mais tarde se tornará Abidos –, sendo que no decorrer dos séculos ocorreu um processo de fonetização, no qual a retratação da palavra por uma imagem cede espaço a sinais abstratos com valor fonético.¹⁰ Em todo caso, a invenção da escrita é um marco importante no processo civilizatório. Assim, ela acompanha também o desenvolvimento da religião do antigo Israel.

A raiz verbal ‘escrever’ (כתב) e os substantivos derivados dela (מכתב e כתב), que podem ser compreendidos como ‘escrito’, ‘inscrição’, ‘documento’, assim como כתבת no sentido de ‘tatuagem’) aparecem duzentas e vinte e cinco vezes na Bíblia Hebraica. A fim de compreender melhor a carga semântica da expressão “que escrevi” (v. 12f), cabe verificar aqui os quarenta e três usos dessa raiz verbal nos escritos do Pentateuco, sendo que, em trinta e oito casos se trata do verbo conjugado. Nesse sentido, o interesse recai, por excelência, sobre a autoria e a finalidade da escrita.

No caso, Moisés é apresentado repetidamente como quem “escreve” ou deve “escrever” algo. Basta lembrar a vitória de Josué sobre os amalecitas (Ex 17,14), os conjuntos de leis, respectivamente a instrução que elas compõem (Ex 24,4; 34,27-28; Dt 31,9.24), os nomes dos líderes segundo os pais das famílias (Nm 17,17-18), as saídas do povo conforme os pontos de partida durante a travessia do deserto (Nm 33,2) ou, junto a Josué, um determinado canto (Dt 31,19.22). Contudo, outros também podem e/ou devem escrever algo. Nesse sentido, são mencionados o judaíta Belseleel, Ooliab e todos os homens de coração sábio que, equipados pelo Senhor com o espírito de Deus para fabricarem os utensílios referentes à tenda de encontro (Ex 35,30-31; 36,1; 38,22-23), “inscreveram na flor do diadema de ouro puro” do sacerdote as palavras “consagrado ao SENHOR” (Ex 39,30^{2x}), mas também “o sacerdote” que “escreve maldições em um documento” (Nm 5,23), o povo enquanto deve “escrever” as palavras ordenadas pelo Senhor “nos umbrais de suas casas e de seus portões” (Dt 6,9; 11,20) ou “em pedras grandes e caiadas” (Dt 27,3.8), o “rei” que deve “escrever para si uma cópia da Torá” (Dt 17,18), o “esposo” que “escreve um documento de divórcio para sua mulher” (Dt 24,1.3) ou uma pessoa que, “em sua carne”, “faz uma tatuagem” ou “incisão” (Lv 18,28).

¹⁰ Ver Johannes SCHNOCKS, Schrift. In: Das Wissenschaftliche Bibellexikon im Internet (www.wibilex.de), 2006 (Data de acesso: 11.2.2018).

Contudo, as tradições do Pentateuco apresentam também o Senhor, Deus de Israel, como quem escreve. Em especial, “as duas placas do testemunho” são contempladas como “escritas pelo dedo de Deus” (Ex 31,18; Dt 9,10), sendo que, “escritas nos dois lados” (Ex 32,15^{2x}), “a escrita era escrita de Deus” (Ex 32,16^{2x}).¹¹ Ou seja, medita-se que “o SENHOR escreveu as dez palavras nas placas de pedra” e “as deu a Moisés” (Dt 4,13; 5,22). E, no caso, não somente nas primeiras placas, mas também, de forma igual, nas segundas (Ex 34,1; Dt 10,2.4^{2x}). Mais ainda, além das ‘placas de pedra’, imagina-se, aparentemente, “um livro escrito” por Deus, no qual constaria o nome de Moisés (Ex 32,32), semelhante a uma lista de “inscritos” (ver o caso de Eldad e Medad em Nm 11,26) ou ao livro com os nomes dos justos (Sl 69,29; 139,16).

Enfim, visando ao conjunto das tradições do Pentateuco, observa-se que a escrita se encontra amplamente e de forma quase que exclusiva a serviço das tradições jurídicas. Ora ela é usada para fixar as leis por escrito em tábuas de pedra ou em um rolo/livro (Dt 28,58.61; 29,19.20.26; 30,10). Ora se trata do uso da escrita para elaborar uma inscrição ou um documento/livro, com a intenção de favorecer a aplicação das leis. Todavia, sempre se trata daquelas instruções que são contempladas como mandamentos do Senhor, focando o Deus de Israel como verdadeiro legislador. Justamente essa ideia ganha também destaque no discurso divino aqui investigado, quando o Senhor informa a Moisés a razão e/ou finalidade das “placas de pedra” (v. 12d): elas contêm, pois, “a instrução e o mandamento” (v. 12e) e eu, o Senhor, as “escrevi para os instruíres” (v. 12f).

Considerações finais

A imagem simbólica das “placas” (v. 12d) traz várias conotações simbólicas consigo. Elas são de “pedra” (v. 12d). Com isso, pode-se pensar na utilidade ampla do objeto em questão. A resistência e a durabilidade da pedra indicam uma construção capaz de permanecer. Além disso, as pedras favorecem o cultivo da memória, algo fundamental para a configuração do presente e do futuro. De certo, imagens simbólicas são frágeis. Por isso, caso o objeto simbólico começar a indicar inflexibilidade e dureza, “as placas de pedra” (v. 12d) precisam ser substituídas por uma “placa de coração” (Pr 3,3; 7,3; Jr 17,1). E, se a “inscrição” (v. 12f) em pedra provocar a falta de agilidade, maleabilidade ou brandura, melhor será “escrever no chão” (Jo 8,6).

Todavia, diferentemente do tijolo fabricado pelo homem, a pedra traz a conotação de ter sido feita por Deus, exatamente como “a instrução e o mandamento” (v. 12e) que ela recebeu como inscrição. Ou seja, duas coisas de origem divina se juntam aqui, sendo que ambos representam o projeto da Torá (‘instrução’), o qual visa à construção de uma sociedade alternativa, mais justa, igualitária e solidária.

Finalmente, placas, de forma simbólico-pedagógica, indicam a necessidade do processo de “escrever para instruir” (v. 12f). O conteúdo pode ser diverso. Talvez se trate de “placas” nas quais são anotados “pecados” (Jr 17,1), “rebeldias” ou “mentiras” (Is 30,8). Melhor, porém, será encontrar “escrita sobre placas” uma “visão que se lê rapidamente” (Hab 2,2), justamente por esta transmitir a esperança de que “o justo viverá por sua fidelidade” (Hab 2,4). Contudo, a realização desse sonho, provavelmente, sempre será o resultado do acolhimento da “instrução” e do “mandamento” que o Senhor “escreveu” (v. 12e-f) nas “placas” (v. 12d).

¹¹ Ver Gerald L. KLINGBEIL, *The finger of God in the Old Testament*. In: *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft* 112 (2000), p. 409-15.

Referências bibliográficas

- ANDIÑACH, Pablo R. O livro do Êxodo. Um comentário exegético-teológico. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2010.
- A BÍBLIA. Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola, 1994.
- A BÍBLIA SAGRADA. Versão Revista e Atualizada (João Ferreira de Almeida). Barueri: Sociedade Bíblica, 1993.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2008.
- BÍBLIA DO PEREGRINO (Luís Alonso Schökel). São Paulo: Paulus, 2002.
- BIBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA (Eds.: Karl Elliger; Wilhelm Rudolph). Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- BÍBLIA SAGRADA. Petrópolis: Vozes, ⁴⁵2001.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução da CNBB. Brasília: Edições CNBB, ⁷2008.
- DOHMEN, Christoph. Exodus 19–40. Freiburg: Herder, 2004, p. 2011
- DOHMEN, Christoph. Was stand auf den Tafeln vom Sinai und was auf denen vom Horeb? Zur Geschichte und Theologie eines Offenbarungsrequisits. In: Frank-Lothar HOSSFELD. Vom Sinai zum Horeb. Stationen alttestamentlicher Glaubensgeschichte. Festschrift Erich Zenger. Würzburg: Echter, 1989, p. 9-50.
- FERNANDES, Leonardo Agostini; GRENZER, Matthias. Êxodo 15,22–18,27. São Paulo: Paulinas, 2011.
- GARCÍA López, Felix. O Pentateuco. Introdução à leitura dos cinco primeiros livros da Bíblia. São Paulo: Ave-Maria, 2004.
- KLINGBEIL, Gerald L. The finger of God in the Old Testament. In: Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft 112 (2000), p. 409-15.
- LIEDKE, Gerhard; PETERSON, Claus. תּוֹרָה *tora* Weisung. In: JENNI, Ernst; WESTERMANN, Claus. Theologisches Handwörterbuch zum Alten Testament (THAT). Band II. Munique: Kaiser, 1984, p. 1032-1043.
- LIEDKE, Gerhard. צִוִּיּוֹת *šwh pi*. befahlen. In: JENNI, Ernst; WESTERMANN, Claus. Theologisches Handwörterbuch zum Alten Testament (THAT). Band II. Munique: Kaiser, 1984, p. 530-536.
- MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. Para ler as narrativas bíblicas. São Paulo: Loyola, 2009.
- OTTO, Eckart. A lei de Moisés. São Paulo: Loyola, 2011.
- SCHNOCKS, Johannes. Schrift. In: Das Wissenschaftliche Bibellexikon im Internet (www.wibilex.de), 2006 (Data de acesso: 11.2.2018).
- SKA, Jean-Louis. Introdução à leitura do Pentateuco. Chaves para a interpretação dos cinco primeiros livros da Bíblia. São Paulo: Loyola, 2003.
- SKA, Jean Louis. O Antigo Testamento. Explicado aos que conhecem pouco ou nada a respeito dele. São Paulo: Paulus, 2015.
- SKA, Jean-Louis. O canteiro do Pentateuco. Problemas de composição e de interpretação. Aspectos Literários e teológicos. São Paulo: Paulinas, 2015.
- WALTKE, Bruce K.; O'CONNOR, Michael P. Introdução à sintaxe do hebraico bíblico. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.